

Conexões, redes e resiliência em teto de vidro

Daniela Kutschat Hanns¹

Wilton Garcia²

Resumo

Essa investigação visa a (re)pensar o sublime tecnológico e a enação a partir de proposta artística que envolve a percepção e propriocepção na interação do corpo com espaço, cheiros e estilhaços. Objeto de estudo para essa discussão é a exposição e instalação *Teto de Vidro*, da artista Josely Carvalho (MAC USP, Sede Ibirapuera, de março a maio de 2018) que – diante de uma coleção construída de forma colaborativa que inclui copos quebrados, relatos, impressões e memórias de várias pessoas – desenvolve cheiros como Prazer, Vazio, Ausência, Ilusão e Persistência. E, assim, propõe participação e conexões com o visitante em experiência imersiva e espacial. O fio condutor é o contato com cheiros criados, bem como conexões ativadas por relações e memória. Aqui, a enação ocorre via receptáculos que contém outros cheiros como Anóxia, Barricada e Lacrimae e o caminhar por entre vidros estilhaçados e outros cheiros que provocam mal-estar, ao remeter à resiliência e à violência.

Palavras-chave

Conexões, redes, resiliências.

Connection, networks and resilience

Abstract

This investigation aims to (re)think the technological sublime and the enaction from an artistic proposal that involves the perception and proprioception in the interaction of the body with space, smells and shards. Object of study for this discussion is the exhibition and installation *Teto de Vidro*, by artist Josely Carvalho (MAC USP, Sede Ibirapuera, from March to May 2018), that – in front of collection obtained in a collaborative way including broken glasses, reports, prints and memories of various people – develops smells like Pleasure, Emptiness, Absence, Illusion and Persistence. And, therefore, proposes participation and connections with the visitor in immersive and spatial experience. The guiding thread is the contact with created scents, as well as connections activated by relations and memory. Here, the enactment occurs via re-

¹ Artista Multimídia, Doutora em Artes pela USP, Professora da Graduação e da Pós-Graduação em Design da FAU-USP, e-mail: dk.hanns@usp.br

² Artista Visual, Doutor em Comunicação pela USP, Professor da Fatec Itaquaquecetuba e do Programa de Mestrado em Comunicação da Uniso, e-mail: 88wgarcia@gmail.com

MAIO
9-11
UFG/BR

ceptacles containing other scents such as anoxia, barricade and lacrimae and walking through shattered glass and other odors that cause discomfort, to refer to resilience and violence.

Keywords

Connection, Networks, Resilience

Duas meninas passeiam entre rosas e gérberras
pelo jardim de um castelo.
São como uma imagem refletida no espelho.
vão de mãos dadas, uma ao lado da outra,
em singular simetria.
Ambas usam um curioso anel partido,
idêntico em suas duas metades,
como as duas metades de um fruto partido.
(LYRA, 2014, p. 9)

Eis o encantamento de um duplo consistente de trocas. A descrição da cena nesta epígrafe perpassa elementos que ativam a imaginação: entre personagens, ações, cenários e adereços. Sem dúvida, Bernadette Lyra (2014) traz à luz o tecido vivo de aproximação, encontro, parceria, colaboração. O coletivo torna-se mais forte, porque um/a apoia o/a outro/a. Esse escopo intelectual ressalta nosso posicionamento reflexivo-crítico de um entre-lugar.

Nossa investigação pretende (re)pensar o sublime tecnológico (COSTA, 1995) e a enação (VARELA, 1991) a partir de proposta artística que envolve a percepção e própriocepção na interação do corpo com espaço, cheiros e estilhaços. Eminentemente, a confluência entre conexões, redes e resiliência expõe uma produção de conhecimento na cultura contemporânea, pautada por criatividade e inovação, a (re)considerar a produção da arte e da imagem.

Objeto de estudo para essa discussão é a exposição e instalação *Teto de Vidro*, da artista Josely Carvalho (MAC USP, Sede Ibirapuera, de março a maio de 2018) que – diante de uma coleção construída de forma colaborativa de copos quebrados que abarca relatos, impressões e memórias de várias pessoas – desenvolve cheiros como Prazer, Vazio, Ausência, Ilusão e Persistência. A exposição faz parte do projeto *Diários de Cheiros*, como desdobramento de um projeto anterior intitulado *Diário de Imagens*. Isso pressupõe a sensorialidade do corpo humano – entre olfato, visão, tato, audição, paladar. Ou ainda, a (re)dimensão metafísica (extrassensorial) da presença (GUMBRECHT, 2015).

E, assim, a exposição propõe participação e conexões com o visitante em experiência imersiva e espacial. Nessa perspectiva, a visitação está atrelada à interação,

uma vez que a proposta é fundamentada na experimentação do sujeito que interage com as possibilidades de sentir, ver, tocar, percorrer, cheirar, descobrir, desenhar. São indicativos de contaminação entre recepção e obra, essa segunda um estímulo externo que movimenta sua *experimentação poética*.

O fio condutor é o contato com cheiros criados, bem como conexões ativadas por relações e memória. O aroma amplia as conexões e resgata fragmentos do passado, que fazem (re)ver experiências anteriores. Compreender o passo futuro ajuda a olhar para frente, uma vez que as conexões indicam o autoconhecimento, em que se reconhece algumas marcas do passado pautado por algo forte como resíduos na lembrança (memória).

Aqui, a enação ocorre via receptáculos contém outros cheiros tão distintos como Anóxia, Barricada e Lacrimae e o caminhar por entre vidros estilhaçados e outros cheiros. O que provocam mal-estar, ao remeter à resiliência e à violência. Afinal, isso instaura a presença corporal como forte participação efetiva, cada vez mais acentuada pela escolha.

Em investigação sobre o conhecimento a partir da fenomenologia e evidenciando modelos da ciências cognitivas, Francisco Varela propõe, em alternativa aos modelos cognitivista e conexionista, uma abordagem voltada à enação. Para o biólogo e filósofo chileno, a “maior capacidade da cognição vivente consiste em grande medida em colocar as questões relevantes que surgem em cada momento de nossa vida” (VARELA, 1988, p. 89). Essas não são predefinidas, são enação e se fazem emergir. Nesse processo, o “relevante é o senso comum, que julga como tal, sempre dentro de um contexto” (VARELA, 1988, p. 89). Para a aproximação fenomenológica atuacionista (de enação), tornam-se necessárias uma revisão da práxis científica ocidental, assim como a adoção de técnicas de reflexão orientais. Ponto de partida é do fenômeno de conhecer como ação. O corpo, assim como a obra, nesse contexto, é agente – e não objeto.

Em estudos descritos posteriormente (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1993, p. 176), confirma-se a ideia que estruturas cognitivas emergem dos tipos de padrões sensorio-motores que permitem que a ação seja guiada pela percepção. Portanto, enação são ações guiadas pela percepção. Ou seja, a experiência humana (re)adequa-se com o ambiente, ao suggestionar um campo atrativo, o qual refrata consensualidades percepto-cognitivas. A enação é ação, é uma resposta correspondente, para além de mera recepção.

Trata-se de uma resultante percepto-cognitiva da experiência que demonstra a aceitação e/ou recusa de traços contextualizados por qualquer situação do vivente (agente). Isso contorna a maneira do sujeito agir diante de atrativos e adversidades que perpassam e conformam o sistema. O entorno influencia as ações do agente que percebe o mundo e, com isso, toma suas decisões. Ou melhor, ainda, quando o corpo

reage, tenta dominar suas atividades – quase que de modo inevitável – a partir da condição de adaptabilidade entre corporeidade e espaço (ARENDR, 2000).

Já do ponto de vista teórico-conceitual, os *estudos contemporâneos* (BAUMAN, 2015; BUTLER, 2017; CANCLINI, 2016; GUMBRECHT, 2015; PELBART, 2013) (re)adequam estrategicamente articulações discursivas acerca de questões que envolvem a contemporaneidade, inclusa a arte. A contemporaneidade compreende diferentes parâmetros que se atualizam, renovam, inovam.

Diante de tais questões, o presente texto está dividido em cinco tópicos: 1) Conexões_ a pensar a técnica; 2) Redes_ a pensar a estética; 3) Resiliência_ a pensar a ética; 4) Teto de Vidro_ a pensar a exposição; e 5) Desfecho_ a pensar o encerramento. São tópicos que prescrevem nosso ensaio como exercício de reflexão e escrita, conforme Canclini (2016).

Conexões_

Ao utilizarmos regras para explicar a atividade mental e os símbolos como representações, nos distanciamos do fenômeno e da dimensão viva da cognição. Na abordagem atuacionista de Varela (1988, p.102 – tradução nossa):

O processo contínuo da vida tem modelado nosso mundo em uma ida e volta entre o que descrevemos, a partir de nossa perspectiva perceptiva, como limitações externas e atividade gerada internamente. As origens desse processo se perderam para sempre e, na prática, nosso mundo é estável (exceto quando desmorona). Mas, essa aparente estabilidade não tem como dificultar a busca pelos mecanismos que a fizeram emergir. O que marca a diferença entre o enfoque enativo e qualquer forma de construtivismo ou neokantismo biológico é essa ênfase na codeterminação (do ovo e da galinha).

Adotando a noção de codeterminação na emergência de enações em ambientes complexos, Johnson (2003) descreve, por exemplo, formigueiros e cidades como sistemas e comunidades, para demonstrar que a partir de comportamentos de pequenas unidades (formigas e pessoas), de baixo para cima (*bottom up*), há a emergência de estados complexos. A noção por trás é a de que unidades simples, que operam mediante regras simples, em *interação* são capazes de realizar ações (tarefas) complexas alterando o sistema. O pesquisador enfatiza que a interação bidirecional pode gerar a emergência de novos estados e comportamentos.

Na experiência cotidiana, fazemos inúmeras conexões (endógenas e exógenas). Da articulação estratégica deste tópico (conexões) desponta a técnica. Potencializa o olhar sobre o desenvolvimento tecnológico da conectividade. Conexões, no plural, indica a capacidade de lidar com alteridade, diferença e diversidade. É estar em sintonia potente de imbricações, visto que conectar relaciona, interliga, (re)une, alia. Mais do

MAIO
9-11
UFG/BR

que isso, é interagir e/ou sintonizar, quando se adentra e aprofunda o contato. Transferir dados (e informação) ou, ainda, ter vínculos para obter uma dinâmica relacional direta, em que se predispõem ideias e ideias por conexões.

Conexões são associações. Para um contato contundente, as conexões exploram possibilidades como vasos comunicantes, interfaces. Esse leque de escolhas ativa a expressão viva de conexões, cujo desafio compreende a extensão do contágio – a contingência. Conexões ricas servem para promover alianças e/ou parcerias produtivas.

Conexões são circunstanciais e efêmeras, podem ser efetivadas ou, ainda, desfeitas, de acordo com o escopo. Se não há vantagem, as conexões são eliminadas, apagadas. Um evento, acontecimento (e performance), por exemplo, têm a fragilidade de serem elaborados e/ou apagados, exterminados. Mesmo não sendo e sendo multiplicado pelas redes, na forma de imagens e audiovisuais, pouco dirão sobre a enação, que acontece em espaço-tempo do aqui e agora.

Na contemporaneidade, a informação abre conexões rizomáticas, cujos fluxos estabelecem o comum – comunitário que se comunica (SODRÉ, 2014). Em conexões torna-se saudável aflorar as recorrências do cotidiano em discursos, práticas e políticas (GIANNETTI, 2016). Qualquer conexão fértil agencia e negocia pertença e posicionamento. Na esfera das conexões tecnológicas emergentes, as decorrências de vestígios poéticos constituem-se a partir da participação do sujeito (consumidor, agente, interator) à exploração, de uma experiência imersiva e espaço-temporal (des) territorializada (HANNIS; GARCIA, 2015).

Em outra perspectiva, que reitera que zonas de contato e de interação são potenciais geradoras de imaginário, o sociólogo e filósofo Maffelosi (2001, p. 77), debruçado sobre o contexto contemporâneo, se posiciona:

O imaginário, certamente, funciona pela interação. Por isso, a palavra interatividade faz tanto sentido na ordem imaginária. Há processos interacionais que criam aura. No caso, meu discurso é ultrapassado por uma vibração que supera o argumento e instaura uma sensibilidade comum. Há sempre uma parte de razão, de ideologia, de conteúdo, no processo descrito, mas também uma alquimia um tanto misteriosa que detona, em certas situações, uma interação. Esse momento de vibração comum, essa sensação partilhada, eis o que constitui um imaginário.

No contexto da exposição *Teto de Vidro*, o foco é na relação arte-ciência e na experiência, quando conexões se abrem. Um modo sensorial por meio do qual a enação pode ser ativada e vivenciada é o olfato, fio condutor da exposição. Na exposição, o cheiro ativa experiências, parte delas, memórias. É a memória que nos conecta aos vestígios poéticos da proposta artística.

Cabe lembrar que em 2004, Linda Buck e Richard Axel receberam o prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina por descobertas sobre receptores de odor e a organização do sistema olfativo. Já antes, Buck e Alex (1991) enfatizavam que o sistema olfativo de mamíferos reconhece e discrimina um grande número (mais de 10.000) de ligantes de odor estruturalmente distintos. Nesse sistema, como em outros sistemas sensoriais, a percepção envolve o reconhecimento de um estímulo externo por meio de neurônios sensoriais primários. Essa informação é transmitida ao cérebro, onde é decodificada a fim de permitir a discriminação de diferentes odores. Hoje, reiteram que esse fato não infere que o repertório de receptores de odor humano seja igual para todos.

O estudo tem trazido à luz esse sentido (que tem sido explorado por artistas como Josely Carvalho) e contribuiu para confirmar que o odor não é um simples mapeamento, ou captação de estímulos externos, mas uma forma de “agir (atuar) significando baseada na história encarnada” do agente (VARELA et al, 1993, p. 175). Portanto, conexões entre odores e memórias são baseadas nas vivências e repertórios de cada um.

Redes_

No imaginário e na vida contemporânea, a ideia de conexões associa-se à ideia de rede complexa, tendo como forte modelo a internet, em que todos poderiam se conectar com todos, aparentemente sem hierarquia, em uma topologia singular. Para o sociólogo Castells (1999), a tecnologia da informação não determina a sociedade, nem a sociedade determina a transformação tecnológica visto que o resultado depende de um complexo padrão interativo. Lemos (2005) contextualiza como a questão tem sido colocada nas últimas décadas no viés da cultura digital, uma vez que se instauram diferentes abordagens sobre a rede: processo de territorializações e desterritorializações; práticas nômades e tribais; deslocamentos e afinidades; reconfiguração dos espaços urbanos; e/ou sociologia da mobilidade.

A articulação estratégica deste tópico desponta a estética, (de)marcada pela enação em uma noção de “ir além” na experiência humana. As redes são formadas por nós (enlaces), que se deslocam em espaço-tempo e se associam ou não a outros nós (em uma virtualidade potencial). A rede aglutina, adere, combina, recombina, potencializa, une unidades, elementos, pessoas. Redes sociais virtuais, por exemplo, fortalecem a composição de coletivos, capazes de aproximar e/ou (inter)conectar situações. Entre o tecer (de caminhos) e a teia (rede), as potencialidades da rede são multidirecionais, de interfaces distintas, complementares.

Sobretudo hoje, o emaranhado de nós possíveis conectados (redes), transversaliza estruturas padrão tecnicamente, ao relacionar componentes fragmentados, não-lineares. Uma rede constitui estados híbridos concomitantes e, ao mesmo tempo, intermediários que se adaptam para o entrecruzamento de derivações, a partir da justaposição de infraestruturas físicas ou virtuais. São espaços regulares embara-

çados de cooperação, colaboração e compartilhamento, pois neles se disseminam proposições. De acordo com Rendueles (2016, p. 46):

Hoje os cientistas sociais utilizam a metáfora da rede para explicar todo tipo de relações, mediadas ou não pela tecnologia digital: as migrações, o trabalho, o sexo, a cultura, a família... Em suma, penso que o fetichismo das redes de comunicação teve profundo impacto nas nossas expectativas políticas: basicamente, as reduziu.

Este autor verifica que a cultura digital e as tecnologias conformam e encobrem as estruturas vigentes. Para tal, os atrativos tecnológicos permeiam as relações sociais e as achatam, tornando-as consensuais e ou de consumo.

Em *Teto de Vidro*, odores e memórias são espalhados pelo espaço expositivo como uma rede invisível composta de nós (cada obra). A cada interação com o visitante, essa rede se revela, amplia e produz novos nós e conexões em uma vibração entre eventos internos e externos, intrínsecos e extrínsecos, endógenos e exógenos.

Resiliência

Na cultura digital, a dinâmica entre conexões, redes e resiliência reelabora o processo de produção de subjetividade humana diante da crescente produção de dados e informação (SODRÉ, 2014; VILLAÇA, 2017). Essa dinâmica interdisciplinar convoca um panorama complexo que ambienta a tríade: técnica, estética e ética em sintonia com arte, tecnologia e cultura. (FOSTER, 2015, 2017). Mas afinal, como é o cheiro do Vazio? Qual é o cheiro da Resiliência? Se respondêssemos a essa pergunta cairíamos na armadilha da qual nos fala Varela (1988).

Resiliência é muito mais que resistir a qualquer pressão. Vencer um obstáculo, sem dúvida, instaura um ato resiliente. Independente de qualquer pressão (intrínseca/extrínseca), é buscar resultados confortáveis e seguros, sem surtar. Afinal, a resiliência configura uma resposta firme, um posicionamento que assume sua própria condição. Então, modificam-se as estratégias para se adaptar às necessidades daquela realidade momentânea.

Para Gutiérrez (2016, p. 137):

Vindo da física, a resiliência é um termo que foi ressignificado pelos movimentos sociais e usado para definir a capacidade de adaptação, sobrevivência e mutação de um elemento, projeto ou ator social. Em muitos casos, a resiliência é um mecanismo mais eficaz que a resistência frontal contra uma ameaça.

A resiliência está em consonância com a noção de enação, das ações partilhadas em estilhaços, mas ainda presente (GUMBRECHT, 2015). Uma (dis)junção resiliente

MAIO
9-11
UFG/BR

aponta para um conjunto de fatores e suas predicções paradoxais para ultrapassar barreiras. Diante de um contexto complicado, a expectativa de superação torna-se tarefa primordial na resiliência. Há a busca e tendência pela homeostase. Ou seja, examinar a capacidade de lidar com conflito – e suas variantes (adversidades) para prevalecer a expectativa e resolução do problema.

Segundo Rendueles (2016, p. 47):

A fraternidade das tradições emancipatórias seria fruto da superação lenta e atribulada de alguns problemas materiais, sociais e políticos da modernidade. O futurismo contemporâneo inverte a fórmula. A revolução digital aspira dissolver os problemas econômicos do livre-mercado privilegiando novas relações comerciais baseadas no conhecimento, na criatividade e na conectividade.

Parte da obra de Josely Carvalho trata de resiliência, uma resiliência ativada pelos sentidos da artista, quando das manifestações de 2013 no Rio de Janeiro, compartilhada com os visitantes na forma de cheiros guardados em receptáculos transparentes feitos pela artista em formatos variados. Esses podem e devem ser manipulados: há um convite para cheirar e compartilhar, en(ação).

Teto de Vidro

A exposição *Teto de Vidro*, de Josely Carvalho, apresentada no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo de 3 de março a 6 de maio de 2018, desdobra-se em um percurso construído que parte de uma atividade banal e cotidiana como o lavar copos e de um olhar estetizante que congela seu resultado e o traduz em potencial matéria: taças quebradas. Taças quebradas que tem cheiros e contam histórias. Josely as colecionou, tanto as taças, quanto as histórias, próprias ou de outras. Histórias essas que formam sentidos. Essa é a ante-sala que nos prepara para uma imersão profunda. Aqui ainda nos encontramos diante de uma vitrine que revela cartões postais, textos, palavras e percursos, um piso repleto de cacos de vidro, bases com ânforas de vidro que convidam a cheirar palavras correspondentes (Afeto, Ilusão, Persistência, Vazio Prazer e Ausência), que se conectam com os textos guardados por detrás do vidro.

Para tal, a artista conta, há quase 10 anos, com o apoio da empresa *Givaudan*, fabricante suíça (e a maior no setor) de sabores, fragrâncias e ingredientes cosméticos. Nessa exposição, contou ainda com o apoio da empresa química brasileira *Ananse* que desenvolve tecnologias e emprega nanotecnologia para transportar ativos e fragrância e liberá-los de forma controlada. Essa tecnologia se mostrou primordial para o controle da dispersão dos cheiros.

A passagem acontece através de uma estampa em tecido transparente da extensão de uma porta que retrata a artista de ponta cabeça. Assim como as ânforas, o tecido exala um cheiro.

A sala principal se abre entre bases de aço *corten* espalhadas pelo espaço, cada uma contém areia sobre a qual repousam ânforas manipuláveis. Apesar de suas diferenças, formam um conjunto que induz a trajetos variados e repetidos, fios que se tecem no espaço do entre. Na entrada à esquerda, altas estruturas de aço *corten*, preenchidas ou não por vidros quebrados, remetem a casas bombardeadas, que mantêm apenas em pé as estruturas de janelas e portas, buracos e vazios, ocasionados por atos brutais. Também aqui a configuração advém de experiências e memórias recentes: das manifestações de 2013, da resistência, da resiliência. Naquele momento, Josely Carvalho coleta vidros quebrados, fragmentos oriundos das ruas, dos confrontos. É quando pesquisa os recursos utilizados em conflitos urbanos, como o gás de pimenta e o gás lacrimogêneo e fatores que provocam a anoxia, falta de oxigênio no sangue.

É essa experiência que leva Carvalho a desenvolver os cheiros dessa sala (Anóxia, Pimenta, Poeira, Barricada, Lacrimae e Dama da Noite) e a desenhar (soprar o vidro de) cada ânfora como invólucro e repositório do cheiro. Materiais (aço, areia, vidro e fragrâncias), som e luz geram a unidade no espaço expositivo. Uma documentação videográfica do processo de feitura do vidro se encontra no fundo da sala.

Em um passo adiante, ou seja, em uma sala seguinte, desta vez em invasão pacífica do espaço dedicado à arte-educação, a artista se debruça sobre o novo trabalho, tecendo uma relação entre trabalhos (passados, presentes e o em devir) e entre visitantes e obra. Aqui, visitantes são convidados a escolher um frasco, entre vários de tamanhos e formas diferentes cuidadosamente dispostos sobre uma prateleira. Nesse movimento, convoca os visitantes a colocarem uma mensagem, um relato, uma palavra. Ainda no mesmo espaço, distribui estojos com lápis de cera (cada cor tem um cheiro). Os visitantes são convidados a escrever impressões sobre cheiros, a ativar memórias e vocabulário sobre um dos sentidos que menos sabemos descrever. Instiga cada um a participar de um novo trabalho que já está sendo preparado em um *continuum*.

No folder da exposição, a curadora Laura Abreu (2018, s/p) escreve:

Teto de Vidro é título e síntese da exposição. É coerência. O termo simboliza as barreiras transparentes que a sociedade impõe às mulheres e às minorias. Na mostra, o vidro em sua dualidade, de força e fragilidade, se revela além das formas e o olfato é solicitado, além do sentido do olhar e do tato, proporcionando uma experiência expandida e singular.

MAIO
9-11
UFG/BR

Isso demonstra o processo complexo para se instalar uma temática na arte contemporânea, em que a ambiguidade (como o risco dessa experimentação poética) traz o desafio de não se cortar com as taças estilhaçadas e, ao mesmo tempo, perceber a leveza (ou peso) dos aromas – desenvolvidos especialmente para esta exposição, por exemplo.

Ou ainda, da (re)dimensão política pautada na agenda dos debates na discussão de gênero sobre a corporeidade feminina. Também, no folder da exposição Káthia Canton (2018, s/p) afirma:

Percorrendo o espaço da exposição, deparamos com vidros feitos de copos e taças estilhaçados incorporando ações de ruptura. Rompimentos. Eles exalam quebras no fluxo das histórias de vida. São justamente esses pontos de quebra que ganham atributos olfativos, sendo batizados respectivamente como Afeto, Prazer, Vazio, Ausência, Ilusão e Persistência.

As diversas fragrâncias eleitas como nomes e desenvolvidas com precisão bioquímica, pontuam uma rica ironia – entre violência, resiliência (Anóxia, Pimenta, Poeira, Barricada, Lacrimae) e o feminino (Dama da Noite). Essa tônica estabelece as relações com a experiência da criação e da enação dos agentes.

De modo geral, trata-se de *experimentação poética* – no tecer fecundo de ideias. Observa-se a ocupação estética, técnica e ética, que imbrica uma produção de subjetividade, da artista em conexão com o outro, por meio de imersão por cheiros. O fazer artístico, aqui, coloca em xeque o público numa proposta interativa de envolvimento como: observar, sentir, tocar, ver, ouvir, respirar, desenhar.

Desfechos_

É melhor viver em um estado de
impermanência do que em definitivo.
G. Bachelard, *The poetics of space*, 1958

Tratamos da enação como percepção em ação. Abrimos uma leitura que abrange estudos sobre a subjetividade e estudos contemporâneos que perpassam conexões, redes e resiliência em uma trama tecida a partir de: a) um diálogo com os textos (referências), b) o fazer artístico condensado na exposição *Teto de Vidro*, de Josely Carvalho e, c) da interação propiciada com o outro.

Da atualização à inovação (e vice-versa), a sociedade contemporânea se inscreve no fluxo recorrente, para além do cronológico, como tendência capaz de gerar resultantes deslizantes, que não necessariamente se assentam. A cultura atual tem permeado a experiência pela pulsão do consumo.

MAIO
9-11
UFG/BR

Em uma perspectiva voltada ao mercado e consumo, as conexões as redes e as resiliências devem representar vantagem em tomadas de decisão. Caso contrário, não há relevância e interesse, conseqüentemente, perde-se o envolvimento. Aqui, consumir aromas, testar fragrâncias implica aflorar a sensibilidade, enaço, e faz reconhecer diretrizes do cotidiano que se acentuam no percurso de cada sujeito.

Em um conjunto expressivo de escultura, fotografia, vídeo, desenho, perfume, entre outros, a instalação funciona como ambiente de imersão, composto não somente pelas obras que criam uma rede formada por conexões entre as obras, mas pela dimensão sonora e a iluminação pontual. É um palco instalado para a enaço e acionamento de memórias e buracos que levam à busca de repertório e palavras, visto que pouco se sabe compartilhar as sensações propiciadas pelo olfato.

A artista quer saber: pelos recados que cada visitante pode depositar em frascos ou na parede. E mais, pela feitura de qualquer palavra, texto ou desenho no papel ou parede brancos ao lápis especialmente aromatizado, em um proposição de participação e de colaboração para uma nova obra e novos cheiros.

O cheiro é impermanência. O cheiro nos leva a regiões já exploradas e conectadas (que podemos descrever de alguma forma) ou inexploradas e não conectadas (que demandam formulação). É nessa interação com o conhecido e desconhecido que se dá a enaço.

Referências

- ARENDT, R. J. J. O desenvolvimento cognitivo do ponto de vista da enaço, **Psicologia: reflexão e crítica**, vol.13, n. 2, Porto Alegre, 2000.
- BAUMAN, Z. **A riqueza de poucos beneficia todos nós?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.
- BUCK, L. AXEL. R. Odorant receptors: a molecular basis for odor recognition. **CELL**. V. 65, p. 175-187, 5 de Abril de 1991. Disponível em: <goo.gl/BpJWKK>. Acesso em 14 abr 2018.
- CANCLINI, N. G. **O mundo inteiro como lugar estranho**. São Paulo: EdUSP, 2016.
- CARVALHO, J. **Diário de cheiros: teto de vidro**. Exposição no MAC-USP, 2018. Disponível em: <goo.gl/BpJWKK>. Acessado em: 28 mar 2018.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- COSTA, M. **FJohnson**. São Paulo: Experimento, 1995.
- CUELLAR, A. S. **La cognición como acontecer biológico desde la teoría de la enacción y la corporización de la actividad psicológica**. Bogotá, Universidade Nacional da Colômbia, 2012.
- FOSTER, H. **O retorno do real**. New York: Verso Books, 2017.

MAIO
9-11
UFG/BR

- _____. **Bad news day**. New York: Verso Books, 2015.
- GIANNETTI, E. **Trópicos utópicos**. São Paulo: Cia das Letras, 2016.
- GUMBRECHT, H. U. **Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea**. São Paulo: Unesp editora, 2015.
- GUTIÉRREZ, B. Do comum às redes. **Observatório**, São Paulo, Itaú Cultural, n. 20, p. 129-140, jan/jun 2016. Disponível em: <goo.gl/a1tLP5> Acessado em: 01 mar. 2018.
- HANNS, D. K.; GARCIA, W. **#consumo tecnológico**. São Paulo: Hagrado, 2015.
- JOHNSON, S. **Sistemas emergentes: o que tiénen en comun hormigas, neuronas, cidades e software**. Madrid: Turner, 2003.
- KIYOMURA, L. Exposição integra a arte às memórias olfativas. **Jornal da USP**, 04/04/2018. Disponível em: <goo.gl/xz1CNI>. Acessado em: 04 abr 2018.
- LEMOS, A.: Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. In: **XXVIII Intercom** – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. UERJ, p. 1-17, 5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em: <goo.gl/wF2U2q>. Acessado em: 13 abr 2018.
- MAFFELOS, M. O imaginário é realidade. Revista **Famecos** v. 8, n. 15, p. 74-82. Porto Alegre, agosto de 2001. Disponível em: <goo.gl/G5MsEF>. Acessado em: 13 abr 2018.
- LYRA, B. **A capitoa**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.
- PELBART, P. P. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: n-1 edições, 2013.
- RENDUELES, C. **Sociofobia: mudança política na era da utopia digital**. São Paulo: SESC edições, 2016.
- SODRÉ, M. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- VARELA, F. **Conocer**. las ciências cognitivas, tendencias y perspectivas. cartografía de las ideas actuales. Barcelona, Gedisa editorial, 1988.
- VARELA, F. THOMPSON, E. ROSCH, E. **The embodied mind: cognitive science and human experience**. Bonston: MIT Press, 1993.
- VILLAÇA, N. Comunicação, desfronteirização dos gêneros e estratégias identitárias. **Artfactum**. Revista de estudo em linguagens e artecnologia. V. 15, n. 2, p. 1-14, 2017. Disponível em: <goo.gl/RzsBfg>. Acessado em: 20 mar 2018.
